

Mulheres, auto-estima e feminismo

Isaura Isabel Conte*

Este artigo tem a pretensão de trabalhar alguns elementos envolvendo Mulheres e a Auto-estima, vinculado à luta Feminista, ou seja: como elas estão conquistando espaços na perspectiva de serem reconhecidas. Considero o objetivo de trabalhar tais elementos uma necessidade, em vista de colocar questões de fundo, devido a tantas formas paliativas de tratar o tema. Compreendo que o debate da auto-estima das mulheres vinculado à luta de classes, e a situação em que acontecem as relações de gênero na sociedade classista, não deve permitir distorções acerca do título deste artigo.

O tema Mulheres ligado a auto-estima está na “moda” nos últimos tempos, basta analisar o caráter dos encontros promovidos, especialmente, em vista da data do oito de março a cada ano. Tratar do tema Feminismo entre mulheres e homens não é aceito com naturalidade, ainda.

Gebara (2001), afirma que a identidade da mulher é subalterna. Então temos que perguntar POR QUÊ? Como se chegou a isto? Sempre foi assim? É porque as mulheres gostam de ser vítimas? Por que tantas palestras e seminários enfocando auto-estima das mulheres? E, afinal, por que as feministas são taxadas de radicais e loucas?

Se por um lado, o pressuposto da condição de inferioridade do sexo feminino, são aprofundadas pelo patriarcalismo[1] e pelas relações de poder estabelecidas pelo sistema patriarcal, há, também, possibilidade de desconstrução daquilo que se tem, até então, como parâmetro.

Segundo Gebara (2001), a sociedade patriarcal constituída há mais de 10.000 anos, criou e firmou uma hierarquia de culpa, a qual é classista, racista e sexista. Com isto se quer dizer que sendo pobre, mulher e negra, maior a culpabilidade pelos pecados e desgraças que acontecem no mundo. E, decorrente disso é imposto e aceito, por parte das mulheres, a diminuição em todos os sentidos: de sofrer e naturalizar as formas de violência a ponto de não percebê-las; legitimar espaços de poder, trabalhos e tarefas diferenciadas para homens e mulheres; serem negadas de direitos fundamentais do ser humano.

Se as mulheres foram postas em lugares considerados secundários, de menos valor, onde pouco ou quase nada podem, junto a uma cultura de obediência e submissão, como poderão ter auto-estima? Como poderão concordar que a tão falada igualdade existe?

A auto-estima não vem do nada. Ela é construída e precisa de condições objetivas, não é um faz de conta. Arrumar o cabelo, pintar as unhas, passar batom faz parte da vida de muitas mulheres, mas não é isto que define que uma mulher é ou está feliz. A auto-estima tem a ver com as relações e papéis estabelecidos entre as pessoas e destas com o meio onde vivem ou são submetidas a viver.

Na sociedade capitalista hierarquizada em que se vive, há um faz de conta: o de que todos são iguais perante a lei. É justamente o “todos” que ressalta o masculino e que faz subentender as mulheres. Elas estão longe, efetivamente, de estarem em condições de igualdade, pois o fato de existir a lei não as coloca, repentinamente, em igualdade. Com relação ao “todos”, às vezes devem pensar que a referência é feita a elas, e, às vezes não, dependendo do que se trata. É em nome da neutralidade que elas desaparecem e são diluídas, tratadas como se tivessem pênis.

Foi a organização feminista, como reação à invisibilidade imposta, que começou a fazer com que as mulheres reivindicassem o que lhes é de direito. O debate do sexismo e da linguagem sexista apareceu graças ao debate feminista que foi pautado através da luta das mulheres, após milênios de

massacre.

Voltando a falar de feminismo, segundo Gebara (2001), ele surge a partir de movimentos de mulheres urbanas, de classe média na Europa após a Segunda Guerra Mundial e nos Estados Unidos, a partir da década de 1960. Num primeiro momento aparece como reivindicação e, também, pergunta: por que eu não tenho direito? O direito a que se referia era direito a voto, a cidadania, a ser considerada pessoa. Vale ressaltar, entretanto, que no século XIV e XV, na Itália, segundo Frei Betto (2001), pelo menos três feministas[2] fizeram elaborações denunciando a condição de clausura das mulheres.

Através do movimento feminista, o qual se estabelece com mais força a partir dos anos de 1970 na América Latina e no Brasil, que se começa a querer de volta tudo o que foi negado, inclusive, poder. E, em se tratando de poder, obviamente que deveria assustar a maioria dos homens, e, que a igreja celibatária o consideraria coisa do demônio. Não há estranhamento em verificar que por parte do pensamento da igreja hegemônica, há excomunicação do feminismo até os dias atuais[3], porque ele vem para revirar a paz falsa implantada a custo de violência contra as mulheres, e, normalizada pela sociedade com um todo.

O feminismo nasceu do clamor das vozes sufocadas e proibidas das mulheres durante séculos. Como mulheres cerceadas haveriam de ter auto-estima? Como tinham força para viver se eram culpadas pelas tentações dos homens, se seus corpos eram considerados morada do demônio e das impurezas?

O movimento feminista no Brasil bem como nos demais países, surge como algo fora da lei e, desde logo começa a ser combatido, por isso é subversivo, entretanto, vai ganhando mais e mais adeptas. A ONU[4] foi pressionada e declarou em 1975, o Ano Internacional da Mulher e, que, posteriormente, declarou de 1975 a 1985, a década da Mulher em todo o mundo (Frei Betto, 2001). Todas aquelas que, até então, não tinha voz e vez, têm um instrumento que começa a lhe dar força e a fazer uma enorme pressão coletiva, para a transformação das relações desiguais de gênero.

O movimento das esquerdas brasileiras, mesmo durante ou após a ditadura militar não foi capaz de incluir em sua agenda, de forma efetiva, as questões das mulheres, entendendo que tais questões se resolveriam automaticamente com as transformações de cunho econômico, e, foi um grande equívoco. Um grande número de mulheres passou a ser militante de partidos políticos e sindicatos, porém, nada mudava dentro dessas estruturas, pensadas por homens. Para ilustrar, eis a citação abaixo:

Agora me pergunto se a incapacidade do socialismo de abrir espaço para a agenda feminista – para realmente adotar esta agenda à medida que emerge naturalmente em cada história e cada cultura – seria uma das razões pelas quais o socialismo não poderia sobreviver como sistema (MÉSZARÓS, 2002: 290).

É oportuna a colocação do autor acima citado, entretanto, não há de se concordar que o movimento feminista é algo que surge naturalmente na história. Se fosse pela naturalidade e pela naturalização das coisas, justamente o feminismo jamais existiria. As mulheres feministas eram acusadas, pelos chamados esquerdistas, de dividirem a luta, de serem contra o socialismo, e de serem, portanto, anti-revolucionárias.

Segundo Pañuelos en Rebeldía (2007), foi com a volta de muitas mulheres do exílio de países europeus, especialmente, que o feminismo recebeu força na América Latina. Durante o período de exílio, elas conseguiram encontrar companheiras feministas e, então, entender, a importância de ter espaços e organizações específicos de debates sobre os temas que dizem respeito às mulheres, seus

corpos e a condução de suas vidas.

Para Cestari (2008), os primeiros grupos feministas surgem no Brasil a partir de 1972 no Rio de Janeiro e São Paulo, sendo estes, grupos pequenos, de no máximo 20 pessoas. Reuniam mulheres em geral da classe média que se conheciam anteriormente e tinham afinidades intelectuais e políticas. Além disso, o encontro entre os grupos feministas e os movimentos populares de mulheres que não reivindicavam-se feministas ainda, e, muitas vezes até repulsavam o feminismo, no decorrer dos anos 1970 e 1980 aproximaram-se do feminismo e contribuíram para que este se estabelecesse como movimento de massas. E, pode-se dizer que, no país

... o feminismo contemporâneo assumiu desde o início uma dimensão claramente reivindicatória e transformadora: mudar a situação da mulher implicando mudar a pouco democrática e extremamente desigual sociedade brasileira. O programa das feministas, neste sentido, incluía reivindicações “específicas” (creche, mudanças na legislação da família, etc.) e “gerais” (o fim da ditadura, uma sociedade socializada, etc.) (MORAES, 1997 p.30).

Não há dúvida que o dar-se conta da opressão e da exploração sofridas no cotidiano, e encontrando formas de reação, através da subversão, principalmente coletiva, que se possibilita às mulheres, libertação e auto-estima. Freire (1989), diria que são as oprimidas as que precisam, necessariamente, se levantar contra a opressão. É desta forma que se visualiza possibilidade de recuperar e construir a auto-estima individual e coletiva das mulheres, pois já é hora de saírem da invisibilidade.

Contudo, atualmente, se pode afirmar que com o clamor do olhar para a diversidade neste século XXI, o feminismo vem criando força e se alastrando tanto no Brasil, quanto em outros países, inclusive com ações e críticas fortes ao capitalismo, pois quem mais sofre as conseqüências deste, são as mulheres.

O capitalismo tem um jeito sutil de explorar e subjugar as mulheres: seja concentrando poder, seja impondo estereótipos de corpo, pensamento e consumo, que faz delas, escravas ou culpadas por não poderem ostentar o padrão instituído. Atualmente, a idéia de auto-estima vinculada ao consumismo alimenta um sistema perverso que desrespeita o ser humano e a natureza e, que geralmente, é para agradar o outro ou viver de aparências. Que auto-estima é essa onde as mulheres passam a ser enfeites e objetos, e, ainda, concorrentes entre si? Porque precisam entrar nesse jogo? Não seria por causa do sentimento de inferioridade?

Segundo Faria e Nobre (2003), o feminismo atual tem a obrigação de se caracterizar como anti-racista, anti-capitalista e pela defesa do planeta, pois é preciso construir uma outra sociedade, com outros valores. De fato, não é possível a perspectiva da equiparidade, até que as mulheres e o trabalho que desenvolvem sejam considerados de segunda importância. Fica bastante difícil, enquanto mulheres, manterem auto-estima, até que as relações sejam balizadas por qualquer tipo de preconceito, discriminação, desconsideração e violência. O feminismo deve servir para questionar todo o poder desigual, todas as injustiças cometidas ao longo da história.

Referências:

CESTARI, Mariana Jafet. O Movimento Feminista e o Movimento de Mulheres na América latina na década de 1970: Brasil e Argentina. Juiz de Fora, MG: UFJF; ENFF, 2008. (Trabalho de Conclusão do Curso de Pós Graduação em Estudos Latinoamericanos).

FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam (Org). A Produção do Viver. São Paulo: SOF – Sempreviva Organização Feminista, 2003.

FREI BETTO. A Marca do Batom, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GEBARA, Ivone. Cultura e Relações de Gênero. São Paulo:Cepis, 2001.

MÉSZÁROS, István. Para Além do Capital. Sao Paulo: Boitempo, 2002.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. O Feminismo e a vitória do neoliberalismo.In: Mônica Raisa Schpun (org.). Gênero sem fronteiras, oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 1997.

MURARO, Rose Marie. Memórias de Uma Mulher Impossível. 5ª ed. Rosa dos Ventos. Rio de Janeiro, 2004.

PAÑUELOS EM REBELDÍA. Hacia Una Pedagogía Feminista. Géneros y Educación Popular. Buenos Aires: America Libre, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth (2001) apud RICHARTZ, Teresinha (2004) Conceituando Gênero e Patriarcado. SP: PUC.

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

[1] O patriarcalismo trás implícita a noção de relações hierarquizadas entre os seres com poderes desiguais. É ele que trás as ferramentas explicativas para as desigualdades transformadas em subordinação das mulheres. (SAFFIOTI, 2001 apud RICHARTZ, 2004). .

[2] Trata-se de Lucrecia Marinelli (escreveu “A nobreza e a excelência da Mulher”); Moderata Fonte (escreveu “Valor da Mulher”) e Arcângela Tarabotti (escreveu “Anti-Sátira”)

[3] Conforme Muraro (2004) que ressalta os empecilhos colocados por parte da igreja com relação aos debates feministas e ao próprio feminismo. Rose faz a afirmação baseada em sua história de vida, quando assumiu a direção da editora Vozes no Rio de Janeiro em meados de 1950. Junto a isto, fez parte dos primeiros de bates feministas, no Brasil, com a vinda de Betty Fridmann, a qual ela acompanhou pessoalmente.

[4] Organização das Nações Unidas.